

A cordialidade em *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum

Cordiality in *Relato de um certo oriente*, by Milton Hatoum

Renato Cabral Rezende*, **Rodrigo Soares de Cerqueira****

*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), **Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a cordialidade – tal como definida por Holanda (2005) – na composição narrativa de *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum. A construção de relações sociais cordiais é notória ao longo da obra. Defende-se que a família libanesa vivencia a cordialidade como uma forma tanto dócil quanto agressiva de engajamento nas relações sociais. Focaremos, em especial, na relação entre Emilie, a matriarca da família, e Anastácia Socorro, a índia que a serviu por toda a vida.

Palavras-chave: Cordialidade. Romance brasileiro. Milton Hatoum.

Abstract: This work aims at discussing the building of cordial social relations within *Relato de um certo oriente*, by Brazilian contemporary novelist Milton Hatoum. One supports that the Lebanese family displayed in the novel epitomizes *cordialidade* – as coined by Holanda (2005) – as both a sweet tempered and an aggressive way of engaging in social relations. We will specially focus on the relationship between Emilie, the matriarch of the family, and Anastácia Socorro, her Indian life-term servant.

Keywords: Cordialidade. Brazilian novel. Milton Hatoum.

1 *Relato de um certo oriente* e a produção ficcional brasileira na década de 1980

Já é lugar-comum afirmar que Milton Hatoum despontou como uma grande revelação da prosa de ficção brasileira em 1989 com *Relato de um certo oriente* e, desde então, mantém viva no campo literário uma escrita vigorosa, paciente, porque não atinente à velocidade do mercado editorial – apesar de seu sucesso de público –, e premiada. Todos os seus romances, *Relato de um certo oriente* [1989]¹, *Dois irmãos* [2000] e *Cinzas do norte* [2005] foram laureados com o Prêmio Jabuti, respectivamente em 1990, 2001 e 2006. A novela *Órfãos do eldorado* [2008] angariou o segundo lugar na edição do Jabuti de 2009. Milton Hatoum indubitavelmente ocupa uma posição privilegiada no campo da produção ficcional brasileira contemporânea, por seu total mérito, se observado sob o ângulo de sua relação com a crítica especializada, o público e as instituições que dão visibilidade social ao escritor.

O *Relato* figura certamente no conjunto de obras significativas para um entendimento da dinâmica, nos últimos 20 anos, do campo da produção literária brasileira. A afirmação se dá em virtude de dois recursos de criação ficcional da obra. O primeiro aspecto que adequaria a obra como um texto característico da referida dinâmica é a própria construção de seu espaço ficcional. História de uma família de origem libanesa estabelecida em Manaus em princípios do século XX, o *Relato* é ambientado numa Manaus provinciana, como narra o fotógrafo alemão Dorner (amigo da família núcleo da obra), ao comentar sobre o suicídio de Emir, irmão da matriarca Emilie:

No percurso entre o porto e o restaurante tive que evitar algumas pessoas que já sabiam da notícia. É assim a vida na província: um amigo teu desaparece, e logo uma atmosfera mórbida toma conta da cidade; surgem, primeiro, as indagações indiscretas; depois, as insinuações perversas e delirantes sobre a vida da vítima, quando ainda não acreditamos na perda do amigo, e o nosso sentimento oscila entre a esperança da sobrevivência e a nostalgia que já se configura, até se tornar uma comunicação secreta, uma conversa silenciosa com o passado (HATOUM, 2005, p. 66).

¹ A edição consultada para a realização deste artigo é de 2005. Doravante, nos referiremos ao livro apenas como *Relato*.

Mas essa Manaus também se vê às voltas com problemas de uma metrópole. Traços de seu desenvolvimento urbano são observados, pela narradora, como resultado de uma urbanização não racional, característica do crescimento das cidades brasileiras ao longo do século XX:

De olhos abertos, só então me dei conta dos quase vinte anos passados fora daqui. A vazante havia afastado o porto do atracadouro, e a distância vencida pelo mero caminhar revelava a imagem do horror de uma cidade que hoje desconheço: uma praia de imundícias, de restos de miséria humana, além do odor fétido de purulência viva exalando da terra, do lodo, das entranhas das pedras vermelhas e do interior das embarcações. Caminhava sobre um mar de dejetos, onde havia tudo: casca de frutas, latas, garrafas, carcaças apodrecidas de canoas. (HATOUM, 2005, p. 124).

O *Relato* é uma obra que escapa à ambientação no eixo Rio-São Paulo, traço comum do “romance urbano” até a data de sua publicação em 1989 (cf. CARNEIRO, 2005). Nesse espaço “novo” no romance brasileiro de então revela-se uma Manaus contraditória e plural. Índios, negros, imigrantes portugueses, franceses, alemães e libaneses compõem aí uma rede de tramas sociais num ambiente multicultural intenso, cuja vivacidade é representada por meio de um esforço memorialístico conjunto: o da própria narradora e de personagens fulcrais para a história: tio Hakim e Hindié Conceição – amiga da matriarca Emilie – de lembrarem o passado da família-núcleo da obra. O argumento narrativo do *Relato* é o retorno da narradora-personagem ao Amazonas, “depois de tanto tempo no sul” (HATOUM, 2005, p. 30), no intuito de “reencontrar Emilie” (HATOUM, 2005, p. 12), matriarca de uma família de comerciantes libaneses radicados no coração da Amazônia, e, por meio de Emilie, tomar conhecimento de fatos e episódios do passado da família. Filha adotiva, portanto, (tanto ela e quanto seu irmão biológico, cujos nomes não são revelados aos leitores – ele, de Barcelona, insta-a a retornar a Manaus), seu intuito é aprofundar sua percepção da importância do clã para a constituição e consolidação da identidade individual e social sua e do irmão. Muitos fatos concernentes à história da família, aparentemente desarticulados pelo efeito do tempo, irão constituir os núcleos narrativos da “carta que seria a compilação abreviada de uma vida” (HATOUM, 2005, p. 166) que a narradora enviará ao irmão, a obra que nós leitores lemos.

Assim, inter-relacionado ao primeiro aspecto revelador da dinâmica da produção ficcional brasileira na década de 1980 – a construção do espaço ficcional da obra fora do eixo Rio-São Paulo – reside um segundo aspecto que mostra como a produção literária estava à procura de novas perspectivas de discussão do Brasil não trabalhadas nas décadas

anteriores – que, como afirma Carneiro (2005), caracterizaram-se pelo “utopismo combatente”. O *Relato* tematiza a vivência, pela família núcleo, de relações sociais de cunho cordial, com índios, negros e demais personagens que circulam ao redor da família nuclear, por um lado; ou com outros imigrantes, por outro, relações estas definidas não pela impessoalidade, mas fundamentalmente por meio dos afetos dos sujeitos, sejam eles afetos dóceis ou violentos (cf. HOLANDA, 2005).

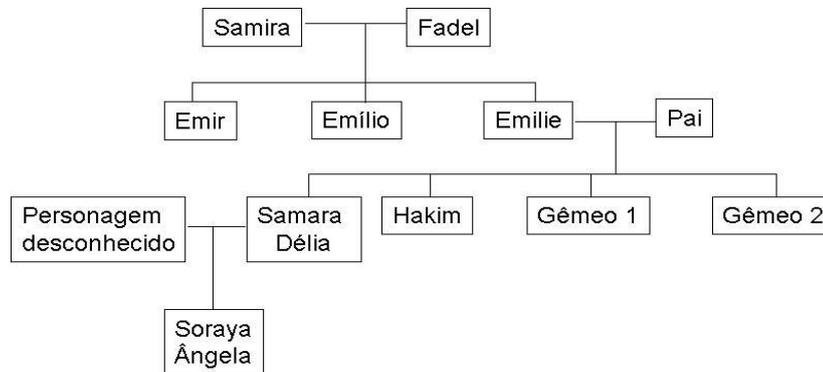
Ao longo deste artigo defendemos que uma dupla posição periférica do universo ficcional do *Relato* – seja da narradora, que, por sua condição de adotada, está dentro e fora do núcleo familiar, seja pela ambientação, uma Manaus que se moderniza sem superar de todo sua mentalidade provinciana – nos permitirá analisar o funcionamento paradoxal da cordialidade. Ou seja, procuraremos demonstrar como o conjunto de relações afetivas que servem de mediação entre a família e seus agregados ora tendem para sua incorporação, ora para o seu afastamento da intimidade doméstica.

2 O *Relato*: saga familiar de uma família cordial?

Começamos pela compreensão da estrutura da família-núcleo da obra. Em sua jornada ao passado, a narradora como que didaticamente apresenta a estrutura da família libanesa, logo nas primeiras páginas da obra, revelando os nomes de seus integrantes (quando é o caso) e a forma como serão denominados por ela em sua carta ao irmão. Recém-chegada a Manaus, ela encontra-se com a filha de uma empregada de Emilie, de quem espera obter informações acerca da matriarca. E comenta com o irmão:

Sim, com certeza Emilie já lhe havia contado algo a nosso respeito. A mulher sabia que éramos irmãos e que Emilie nos havia adotado. Talvez já soubesse da existência dos quatro filhos de Emilie: Hakim e Samara Délia, que passaram a ser nossos tios, e os outros dois, inomináveis, filhos ferozes de Emilie, que tinham o demônio tatuado no corpo e uma língua de fogo. (HATOUM, 2005, p. 11).

Para efeito de visualização, a família-núcleo da obra se configura como segue:

Imagem 1. Estrutura genealógica da família-núcleo do *Relato de um certo oriente*

Uma primeira observação a ser feita sobre a família-tema da obra é o fato de não se tratar de um clã muito grande, cujas histórias internas abrangem por completo desde as desditas de avós (ou bisavós) até os percursos individuais dos inúmeros netos. No total, a família retratada no *Relato* é composta por onze “membros biológicos” de quatro gerações apenas. Os avós, Samira e Fadel; seus filhos: Emir, Emílio e Emilie; os filhos desta com um personagem que é denominado apenas como “o pai”: Hakim, Samara Délia e os dois gêmeos. E a filhinha surda (cujo pai também não é revelado) de Samara Délia, morta em um violento atropelamento: Soraya Ângela.

Dentre essas gerações, apenas alguns membros têm sua história, ou, na maioria dos casos, fragmentos dela, retratados. Embora conte a “história de uma família”, não seria conveniente qualificar o *Relato* como uma “saga” familiar. Segundo Moisés (2004) e Shaw (1978), a ideia de “saga” remete a uma narrativa de pessoas de alguma família de prestígio, de elevada posição na hierarquia social. No *Relato*, é certo que a família-tema não é nem econômica nem politicamente influente na sociedade manauara, assim como tampouco se pode dizer que essa seja uma família de grandes posses. Há, contudo, um diferencial aqui que é importante ser destacado: o da propriedade de um comércio. É esse signo distintivo, por menor que seja, que possibilita sua posição nuclear, isto é, que a torna um centro ao redor do qual giram não apenas os outros imigrantes libaneses, alemães e portugueses mas, sobretudo, um conjunto de agregados, esses sim, em sua grande maioria, completos despossuídos.

Além disso, a ideia de “saga” também remete à formação de um núcleo familiar de relações consanguíneas bem delimitadas. E é exatamente aqui que o *Relato*, ao trazer à tona essa periferia de agregados, dentre os quais os irmãos adotivos que buscam compreender o universo da família libanesa que os acolheu, mostra como a ideia de família é uma questão de prática cultural, ultrapassando os laços biológicos.

O que se descortina, então, no centro do *Relato*, é, mais do que a narração de uma “saga”, a reedição de um dos principais temas de reflexão sobre o Brasil: a centralidade da família na formação social do país (cf. FREYRE, 2004). Para Sérgio Buarque de Holanda (2005), em sociedades, como a nossa, em que a família se constitui como núcleo ordenador da vida, as relações humanas passam a ser pautadas por uma lógica personalista e afetiva. Sua condição de possibilidade é muito específica: a ausência de um Estado capaz de instituir uma lei universalizante que transgredisse o particularismo familiar.

A cordialidade surge, portanto, da manutenção da vida doméstica como “modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós” (HOLANDA, 2005, p. 146). O homem cordial, com relações de fundo emotivo, do coração (donde deriva o adjetivo “cordial”), é a resposta para uma dinâmica que, mesmo em contexto urbano, não foi capaz de instaurar uma forma de racionalidade normativa e impessoal. Traço basilar da sociedade brasileira colonial – originado pelos padrões de convívio do meio rural e patriarcal sobre os quais tal sociedade é assente – a cordialidade não diz respeito apenas ao trato por boas maneiras. Ela também possui um lastro de violência, rasgo, não raro, comum às relações afetivas.

Há pelo menos duas ressalvas que devem ser feitas antes de seguirmos adiante com a análise. Para ambas, vamos nos valer nas contestações feitas por João Cezar Castro Rocha a um texto de Contardo Calligaris, “Do homem cordial ao homem vulgar”, saído na *Folha de S. Paulo* no final de 1999. Em linhas gerais, Castro Rocha (2000) critica uma posição que emerge das reflexões levadas a cabo por Calligaris: “Não se trata da unidade que as elites buscam impor à nação, mas da própria ideia de nacionalidade, vista como substância que assegura a continuidade do homem cordial.” Sua aposta, que aprofunda noutro momento (cf. ROCHA, 2008), é a de que se deve investir em todas as ambiguidades que compõem a nossa formação social e o instrumental usado para pensá-la.

Isso posto, voltemos às ressalvas. Primeiro, se não há um despropósito em aplicar um conceito pensado em um contexto especificamente brasileiro para a sociabilidade de uma família libanesa. Seria um equívoco tomar a referência de que a cordialidade seria a “contribuição brasileira para a civilização”? (HOLANDA, 2005, p. 146). Aqui Sérgio Buarque está, antes, se remetendo ao contexto original da expressão, cunhada por Ribeiro Couto, de que vai se apropriar e ressignificá-la, a seu modo, atribuindo-lhe, inclusive, uma dimensão conceitual que não existia. Assim, a cordialidade não é uma característica do nosso caráter nacional, mas uma poderosa ferramenta epistemológica que permite entender o funcionamento de “sociedades cujo espaço público enfrenta dificuldades para afirmar sua autonomia em relação à esfera privada” (ROCHA, 2000). Como essa parece ser uma dimensão estrutural de sociedades colonizadas, não é de se estranhar que uma família libanesa se insira com relativa desenvoltura no contexto nacional.

A segunda ressalva será desenvolvida com um pouco mais de cuidado. Para Rocha (2000), ainda no texto que vimos usando para mediar nossas reflexões, não se pode estabelecer “uma relação entre a análise de Sérgio Buarque, publicada em 1936, e a sociedade brasileira contemporânea.” Uma pergunta caberia aqui: ao estabelecermos a cordialidade como eixo interpretativo do *Relato* não estaríamos incorrendo no mesmo erro?

Uma breve contextualização se faz necessária antes de respondermos à pergunta levantada. Do ponto de vista da produção ficcional, os anos 1980 configuram-se segundo o que Haroldo de Campos (apud CARNEIRO, 2005) denominou como tempos *pós-utópicos*. Da postura combatente dos intelectuais e escritores contra a censura e opressões do governo militar nos anos 1960 e 1970, não surgiu na década de oitenta um projeto comum, um sonho por que continuar a lutar.² Afinal, a sociedade retomava o caminho da democracia liberal e da garantia dos direitos fundamentais. Num olhar ainda mais retrospectivo, tanto a energia da luta modernista de 1922 pela redescoberta do Brasil, quanto, trinta anos depois, a euforia nacionalista dos anos cinquenta do Brasil da Bossa-Nova e da “épica” construção de Brasília, ficaram marcadas em nossa história social como épocas de projetos transformadores coletivos (cf. CARNEIRO, 2005, p. 18), marcas improváveis numa sociedade que necessita agora engajar-se na reconstrução e consolidação de suas instituições democráticas e da liberdade individual. A luta já havia acabado.

Se o anseio do Modernismo de literariamente representar/criar uma “Alma” da nação não existe mais na década de 1980; e se tampouco “a utopia da revolução [dos anos de 1960 e 1970] não funciona mais, nas décadas de 1980-90, como “dispositivo-matriz deflagrador de representações [romanescas]” (FARINACCIO, 2004, p. 118), abriu-se uma espécie de novo espaço de possibilidades políticas e também econômicas, de apontar novas direções a esta sociedade – que certamente precisa, depois do luto, ressignificar-se. Segundo Carneiro (2005, p. 26), os anos oitenta foram fundamentais à literatura e a cultura brasileira contemporâneas por demonstrarem como a produção literária pode ser capaz de reinventar-se, mesmo após longo período de utopismo combatente.

Este novo momento significou a possibilidade de uma diversidade de formas enunciativas e temáticas no campo da prosa de ficção (cf. CARNEIRO, 2005; RESENDE, 2008; SANTIAGO, 1989). Justamente em virtude dessa diversidade temática, o pós-utopismo característico da década de 1980 é da ordem do *deslocamento*:

² É notório nos estudos que dizem respeito da produção literária brasileira da década de 1980 que os escritores do período viveram uma espécie de vazio de “função social” para sua literatura: “Contra quem escrever agora?” (CARNEIRO, 2005, p. 26). “Em nome de quê, enfim, nossos escritores escrevem hoje?” (FARINACCIO, 2004, p. 117) são perguntas de que pesquisadores da produção ficcional brasileira contemporânea se valem para interpretar aquele momento histórico.

deslocamento dos grandes projetos para os projetos particulares, formulados numa perspectiva menos pretensiosa, em que o posto de *missionário*, porta-voz do novo, é preenchido pelo cidadão comum, preocupado menos com rupturas radicais do que com a convivência possível com o próprio presente. (CARNEIRO, 2005, p. 19).

Situar o *Relato* no cerne desse deslocamento contextual é o que possibilitará, ao menos assim nos parece, a mediação necessária para uma reflexão sobre a cordialidade num romance contemporâneo. É que o primeiro livro de Milton Hatoum está completamente integrado a essa ordem do deslocamento, de sujeitos em busca de uma “convivência possível” com seu próprio presente. Afinal, a obra constitui-se como um projeto pessoal de uma moça comum (cujo nome sequer é revelado aos leitores, reitere-se) de reconstruir um passado restrito à intimidade de uma família comum de imigrantes e revelá-lo ao irmão. São as curiosidades, expectativas, agruras e dores íntimas de alguns indivíduos que estão no centro de observação da narradora. Quando é evocada no capítulo primeiro da obra, é a Manaus da experiência infantil, a “cidade imaginária fundada numa manhã de 1954” (HATOUM, 2005, p. 12) que se torna saliente, não uma Manaus “histórica” como, por exemplo, a Manaus dos tempos áureos do ciclo da borracha, de princípios do século XX.

Assim, o que nos interessa não é uma reflexão exaustiva sobre a cordialidade como um traço essencialista do caráter nacional – traço que, para bem ou para mal, não se perde de todo. O que nos interessa é, bem pensada a expressão, a dimensão pessoal da cordialidade, o que inclusive nos permitirá perceber certos matizes na sua dinâmica. Daí que, dentre o conjunto de agregados que circula ao redor do núcleo doméstico, nos concentraremos em dois – na narradora-personagem, filha adotiva completamente integrada à família, e em Anástacia Socorro, índia que serviu durante toda sua vida como empregada da casa libanesa –, cujas trajetórias narrativas diametralmente opostas nos permitirão vislumbrar a dimensão paradoxal da cordialidade.

3 Trabalho doméstico e adoção no *Relato de um certo oriente*

Nunca nos é revelado, de todo, a maneira como tanto Anastácia Socorro quanto o casal de irmãos chegam à família tema do *Relato* passando a frequentar, de maneiras distintas, sua casa. Há, contudo, uma realidade que atravessa ambas as experiências: a da existência de uma legião de enjeitados, desamparados pelo Estado e não absorvida por um

mercado ainda provinciano, que serve de alimento para o conjunto de relações personalistas.

Antes mesmo da chegada da índia Anastácia Socorro para servir à família, Emilie escolheu para o ofício de serviçal uma negra órfã, “entre a enxurrada de meninas abandonadas nas salas da Legião Brasileira de Assistência [LBA]” (HATOUM, 2005, p. 26). Criada em 1942, pela primeira-dama Darcy Vargas – na ditadura do Estado-Novo, portanto³ –, a LBA prestava assistência às famílias necessitadas, não raro, como se observa nesta citação, pela adoção. O *Relato* revela aí, muito sutilmente, que o Estado não só é incapaz de abolir a “velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais fundadas em princípios abstratos, tendem a substituir-se aos laços de afeto e de sangue” (HOLANDA, 2005, p. 143); ele age também no sentido de criar condições para o bom funcionamento de relações sociais nada modernas. Das mãos do Estado, os enjeitados passavam às mãos de outras famílias, onde vivenciariam as relações cordiais. Assim foi com a negra órfã, que foi mandada embora porque o papagaio Laure, de Emilie, teria “imbirrado” com ela (HATOUM, 2005, p. 26). Já a circunstância da chegada de Anastácia à família libanesa não é possível saber. A narradora não nos revela. O que sabemos é que ela serviu por toda a vida à família. O trabalho doméstico na casa da família tema da obra definitivamente não é uma atividade trabalhista impessoal. Trabalhar aí é uma recompensa proporcionada por Emilie àqueles abandonados à própria sorte, àqueles por quem o Estado solicita que possam ser cuidados: os órfãos.

Percebemos, assim, que uma família como a do *Relato* é composta por membros enjeitados, sendo que as fronteiras entre relações familiares e relações de trabalho mostram-se aparentemente frágeis: até o ponto em que a face violenta da cordialidade emerge. Há então que se observar que no *Relato* a cordialidade é, em parte, nutrida pelo abandono *qua* prática social e perpetrada por relações de trabalho que não estabelecem um vínculo profissional *stricto sensu* entre empregador e empregado.

Na obra, são duas as relações cordiais que dimensionam a estrutura do espaço familiar por meio da correlação abandono e trabalho doméstico. Essas relações nos induzem a conjecturar se o acolhimento da narradora-personagem e seu irmão pela família de imigrantes libaneses não teria sido uma relação cordial que medraria entre o afeto simplesmente e o trabalho – embora, vale lembrar desde já, esta conjectura não é respondida pela narradora aos leitores –, como foi o caso da negra órfã e da índia Anastácia. É verdade que nunca saberemos o porquê de os irmãos terem sido adotados por Emilie. O que o *Relato* põe em cena, contudo, não deixa de ser revelador de que as formas de acolhimento dos grupos enjeitados não são homogêneas.

³ Não gratuitamente, a LBA foi extinta em 1995, quando o Brasil experimentou sua inserção total no neoliberalismo, sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso.

Quando a narradora relembra ao irmão a figura do marido de Emilie, o “pai” da família (pai adotivo dela, portanto), ela nos permite entrever que:

Foi ele que me ajudou a sair da cidade para ir estudar fora, e além disso nunca se contrariou com a nossa presença na casa, desde o dia em que Emilie nos aconchegou ao colo, até o momento da separação. Desfrutamos os mesmos prazeres e as mesmas regalias dos filhos, e com eles padecemos as tempestades de cólera e mau humor de um pai desesperado e de uma mãe aflita. Nada e ninguém nos excluía da família, mas no momento conveniente ele fez questão de esclarecer quem éramos e de onde vínhamos, contando tudo com poucas palavras que nada tinham de comisseração e de drama. (HATOUM, 2005, p. 20).

O fragmento acima mostra com precisão um dos paradoxos da cordialidade: como desde pequenos os irmãos adotivos vivenciaram a região limítrofe entre pertencer “ao grupo” e, paradoxalmente, ser “de fora”. Só não se pode dizer que a integração à família fosse completa como parece (“Nada e ninguém nos excluía da família”), porque havia, pontualmente, afrontas – “no momento conveniente” – como a da informação de sua suposta origem vergonhosa (“quem éramos e de onde vínhamos”). Se as relações cordiais pressupõem uma dialética afetiva entre aproximação e afastamento – entre acolhimento e violência –, pode-se dizer que, para o casal de irmãos adotados, houve uma primazia daquele sobre este.

A título de exemplo, pensemos na origem biológica da narradora e de seu irmão, que é uma questão sem resposta para os leitores da obra. A narradora-personagem dá a entender que o sabe, mas não revela a nós, leitores. Só somos informados de algo a respeito no final da obra. Quando do seu internamento em uma clínica de repouso, ela rememora a circunstância em que foi entregue por sua mãe biológica a Emilie:

As primeiras semanas [na clínica] vivi imersa na escuridão pacata de um sono contínuo e sem sonhos. Era como se eu tivesse os olhos vendados, ou como se uma cegueira precoce e súbita fosse uma defesa à vinda de nossa mãe, que chegou assim que foi informada do meu internamento. Creio que não cheguei a vê-la, nem sequer de longe. Mas certa noite, ao olhar para a porta aberta do quarto, divisei um contorno indefinido, uma forma envolta de sombras, como se um corpo tivesse escapado da claridade da luz para refugiar-se numa região obscura situada entre a soleira da porta e os confins do mundo. Talvez fosse ela, porque escutei a mesma voz que nos abandonou há tanto tempo: uma

voz dirigida à Emilie, sondando de um lugar distante, notícias da nossa vida. (HATOUM, 2005, p. 159).

A lembrança da narradora, como se nota neste fragmento, é uma lembrança traumática. Sua mãe biológica é uma figura a ser evitada (“como se uma cegueira precoce e súbita fosse uma defesa à vinda de nossa mãe”). Quando relembra, ainda que de forma confusa, dado seu estado de letargia, sua chegada à clínica de repouso, é levada a rememorar o momento em que fora trazida para Emilie.

Fora trazida ou fora abandonada? Olhado pelo viés do indivíduo, o abandono é o sentimento traumático predominante no fragmento. Olhado sob uma perspectiva da sociedade como um todo, é uma prática social: a entrega para adoção. Mas por que a narradora e o irmão teriam sido entregues à família de imigrantes libaneses? Com qual propósito: para se tornarem “meros” filhos adotivos ou para serem “filhos que trabalham” para a família? As especulações não são de todo despropositadas, haja vista, como já foi exposto, que a noção de família em uma sociedade de extração cordial parece inter-relacionar abandono – como uma prática social – com a própria noção de trabalho no espaço doméstico.

Destacar o fundo traumático da lembrança do abandono é reconhecer a dose de sofrimento por que passa a narradora, o que parece ser reforçado pela própria ideia de internação numa clínica de repouso. Não se pode, contudo, associar o sofrimento ao substrato cordial no qual ela foi inserida. Pelo contrário. Se falar em ascensão social talvez seja super-interpretar alguns signos dispersos (o irmão que reside na Europa, a viagem de avião), é mais do que legítimo apontar o processo de ruptura com a estreiteza do círculo familiar.

Sérgio Buarque (2005, p. 144) ressalta como o estudo foi importante no processo de superação da herança rural: “sair da cidade para estudar fora” (a fala, como visto, é da narradora [Hatoum, 2005, p. 20]) possibilitou a ela, como a “numerosos outros adolescentes arrancados aos seus meios provinciais e rurais ‘viver por si’, libertando-se progressivamente dos velhos laços caseiros, quase tanto como aos conhecimentos que ministravam as faculdades.” Mais importante do que inserir a narradora nesse processo de superação da mentalidade particularista⁴ é ressaltar que tal mentalidade só é possível pelas relações cordiais que ela, a narradora, contraiu a partir de seu abandono e de sua adoção. Basta lembrar que foi ele, “o pai”, quem criou as condições para que ela saísse de casa.

⁴ Para Joaquim Nabuco, somente o grupo ao qual a narradora pertence tem as condições de superação com mentalidade moldada pelo vínculo doméstico: “em nossa política e em nossa sociedade [...], são os órfãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam” (apud HOLANDA, 2005, p. 144).

Sem deixar de reconhecer os momentos de violência que existem nessas relações, Hatoum parece contribuir, no *Relato*, para o aperfeiçoamento da cordialidade. Exposta em sua dinâmica, a relação cordial funciona também, para alguns sujeitos, de acordo com seu sentido autolegitimatório: é uma rede de proteção que acolhe os enjeitados e lhes proporciona um rumo positivo na vida.

De modo a dar uma visão mais complexa desse conjunto de experiência, contudo, pode-se contrapor à história da narradora e de seu irmão, que é de desligamento do núcleo familiar, a de Anastácia Socorro, a índia que foi “pegada para criar” e que fazia os trabalhos domésticos da casa. Se a cordialidade funcionava, para a narradora, enfatizando o lado afetivo da relação, em detrimento da sua violência pontual, a primeira menção à Anastácia Socorro nos revelará sua outra face: a face não acolhedora, violenta.

A narradora chega a Manaus à noite e, cansada do voo, passa a noite no jardim da casa de Emilie. Ao despertar, é observada por uma mulher:

Eu procurava reconhecer o rosto daquela mulher. Talvez em algum lugar da infância tivesse convivido com ela, mas não encontrei nenhum traço familiar, nenhum sinal que acenasse ao passado. Disse-lhe quem eu era, quando tinha chegado, e perguntei o nome dela.

– Sou filha de Anastácia e uma das afilhadas de Emilie – respondeu. (HATOUM, 2005, p. 9-10).

Note-se, de antemão, neste fragmento que a mulher que recebe a narradora é filha daquela que trabalhara como empregada para Emilie por toda sua vida: a índia Anastácia Socorro. O fragmento revela uma superposição entre relação familiar e relação de trabalho. *A filha da ex-empregada de Emilie é também empregada da própria Emilie*. A linhagem consanguínea entre Anastácia Socorro e sua filha (cujo nome não é revelado) se mescla à linhagem familiar – por motivo da relação de trabalho – com o clã central da obra, representado pela figura de Emilie. O vínculo entre ela e o clã reside na relação de trabalho, mas não em uma relação trabalhista racional e impessoal, que pressupõe apenas as funções de empregador e empregado. Ao contrário, o empregado necessita de um privilégio face ao empregador. Precisa de sua proteção. A filha de Anastácia é, como ela própria se define, “uma das afilhadas” de Emilie.

Em outras palavras, saímos da descrição de um universo em que se tornou possível romper com o círculo familiar para aquele em que se enfatiza exatamente a sua perpetuação. A dinâmica da relação também se modifica, nos sendo revelada, assim, a face violenta e arbitrária da cordialidade.

Se a narradora-personagem da obra não nos revela de como se deu a chegada de Anastácia Socorro à família, a presença da indígena na família é rememorada basicamente por Hakim, tio da narradora e de seu irmão. Como filho mais velho, Hakim é a figura que detém memórias dos momentos em que afeto e trabalho se imbricavam na relação entre sua mãe, Emilie, e Anastácia. Hakim atua na obra como a voz crítica à cordialidade. Segundo ele, Emilie tinha o hábito de distribuir alimentos aos filhos de Anastácia Socorro:

Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no norte. [...]. Emilie sempre resmungava porque Anastácia comia “como uma anta” e abusava da paciência dela nos fins de semana em que a lavadeira chegava acompanhada por um séquito de afilhados e sobrinhos. (HATOUM, 2005, p. 85).

Hakim, com efeito, percebe que o trabalho é muito mais uma oferenda do senhor ao empregado do que uma relação de venda da força de trabalho. Sua percepção tampouco passa ao largo do fato de que o alimento ao empregado, no espaço doméstico onde a relação de trabalho acontece, é uma caridade, não um direito do trabalhador. Prossegue ele, ainda com relação à presença de Anastácia Socorro:

Eu presenciava tudo calado, moído de dor na consciência, ao perceber que os fâmulos não comiam a mesma comida da família, e escondiam-se nas edículas ao lado do galinheiro, nas horas da refeição. [...] Além disso, meus irmãos abusavam como podiam das empregadas, que às vezes entravam num dia e saíam no outro, marcadas pela violência física e moral. A única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente. (HATOUM, 2005, p. 86).

Como se observa, Hakim também percebe a dimensão violenta inerente à cordialidade, no caso, por parte de seus dois irmãos gêmeos, no que diz respeito à sexualidade (“meus irmãos abusavam como podiam das empregadas”). Vimos que a narradora e o irmão viviam o paradoxo de serem integrados à família (“Nada e ninguém nos excluía da família”) e de serem afrontados, ainda que pontualmente, sobre sua suposta origem vergonhosa (“quem éramos e de onde vínhamos”). O paradoxo da cordialidade

posto em cena pela experiência de Anastácia Socorro é da mesma natureza – isto é, implica incorporação e afastamento –, mas com ênfases distintas. A proximidade do dominado ao dominador é necessária a este para efetuar o controle sobre aquele. Mesmo que, para isso, cause ao dominador muita repulsa. É assim a dinâmica da relação de Emilie e sua empregada. Afirma Hakim a este respeito:

Eu notava um esforço da parte de Emilie para manter acesa a chama de uma relação cordial com Anastácia Socorro. Às vezes bordavam juntas, na sala; e ambas conversavam sobre um passado e lugar distantes, e essas conversas atraíam minha atenção [...] escutava as vozes de variada entonação, a evocar temas tão distintos que as aproximavam [...] (HATOUM, 2005, p. 88).

Repare-se que no fragmento acima a “relação cordial” de que fala Hakim entre sua mãe e Anastácia é apenas uma face da cordialidade: a face dócil. Só que essa face do fenômeno, como assinala Holanda (2005), quase nunca está apartada da face violenta. Prevalece na relação entre ambas, a despeito dessa tentativa de Emilie de uma relação mais amistosa com Anastácia, a vigilância sobre a empregada. Ainda segundo Hakim:

As frutas e guloseimas eram proibidas às empregadas, e, cada vez que na minha presença Emilie flagrava Anastácia engolindo às pressas uma tâmara com caroço, ou mastigando um bombom de goma, eu me interpunha entre ambas e mentia à minha mãe, dizendo-lhe: fui eu que lhe ofereci o que sobrou da caixa de tâmaras que comi; assim, evitava um escândalo, uma punição ou uma advertência. (HATOUM, 2005 p. 88-89).

Novamente, a tensão – e o paradoxo – encetados pela relação cordial reside no fato de que ao mesmo tempo que vigia (com a possibilidade de punir) Anastácia, elas bordavam juntas, compartilhando uma com a outra seu passado. Hakim comenta que “impassível, com o olhar vidrado no rosto de Emilie, Anastácia aproveitava uma pausa da voz da patroa, empinava o corpo e indagava: como é o mar? o que é uma ruína? onde fica Balbek?” (HATOUM, 2005, p. 90). E quando era sua vez de narrar, Anastácia

falava por horas a fio, sempre gesticulando, tentando imitar com os dedos, com as mãos, com o corpo, o movimento de um animal [...]

Hoje, ao pensar naquele turbilhão de palavras que povoavam tardes inteiras, constato que Anastácia, através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mulher que falava para se poupar, que inventava para tentar escapar ao esforço físico, como se a fala permitisse a suspensão momentânea do martírio. (HATOUM, 2005, p. 91-92).

A imaginação, a memória, e a capacidade de narrar compõem, segundo Hakim, o alívio de Anastácia, seu descanso de uma relação de trabalho que não lhe reconhece direitos e que é, de fato, sem fim. Hakim se mostra, com efeito, um observador cuidadoso dos mecanismos operacionais da cordialidade em sua face violenta. Sob sua ótica, a relação de proximidade entre Emilie e Anastácia Socorro tem seu ápice de quando do suicídio de Emir, irmão de Emilie. A partir deste momento, o *Relato* tensiona, com profunda carga dramática, a relação cordial entre Emilie e Anastácia. A relação trabalhista parece ceder espaço para uma relação aparentemente fraterna, que, no fim das contas, no entanto, não se concretiza.

A não concretização dessa possível relação fraterna entre Emilie e Anastácia vem à tona na obra quando Hakim narra as circunstâncias em que o corpo Emir, irmão de Emilie que desaparecera no rio Negro, foi encontrado. Tendo desaparecido no rio carregando uma orquídea em suas mãos, em plena luz do dia, o cadáver de Emir levou mais de um mês para ser recuperado. A localização do corpo foi realizada pelo índio Lobato Naturidade, tio de Anastácia Socorro. Hakim comenta essa situação:

A revelação do parentesco [entre Lobato Naturidade e Anastácia Socorro], para nossa surpresa, alterou a relação de Emilie com a lavadeira. Anastácia ficou mais íntima dos frequentadores da casa, e logrou a proteção de Emilie; as tardes de ócio multiplicaram-se e as tarefas domésticas passaram a ser mais amenas. A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito, e não mais como escrava [...]. Meus irmãos [...] eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. [...] (HATOUM, 2005, p. 96-97).

A morte de Emir é o acontecimento emocional mais marcante de Emilie. Não é gratuito o fato de que o alívio emocional gerado pela descoberta de Lobato Naturidade, tio de Anastácia, é também dimensionado como um alívio na relação de trabalho de Anastácia e sua patroa. Os efeitos que a descoberta produziu nos afetos de Emilie são observáveis em outros efeitos de alívio. Mas essa nova relação, mais íntima, como se observa no fragmento, não pode, e não consegue, ficar “fora do seu lugar”. Ela “precisa voltar” a ele. A cordialidade, como prática social, é um horizonte social muito bem internalizado por todos os membros da família libanesa. Prossegue Hakim:

Sem que alguém lhe dissesse algo, Anastácia se esquivou dessa intimidade que causava repugnância nos meus irmãos, aflição em Emilie e uma discórdia generalizada na hora das refeições [...].

Passamos a conviver com a lavadeira de uma maneira meio indefinida, amorfa; longe da mesa ela se revelava menos intrusa, menos íntima. Ressurgiam o apetite, as vozes, os elogios às mãos divinas de Emilie, e os comentários do dia foram reavivados. (HATOUM, 2005, p. 97-98).

Os fragmentos acima encerram com precisão o substrato cordial, base afetivo-emocional das relações sociais brasileiras, como temos defendido com base em Holanda (2005). Anastácia Socorro passa a ser tratada como “membro da família” aos olhos de Emilie em razão de seu vínculo consanguíneo com aquele que tornou possível o enterro de Emir. Como corolário, vive ela uma espécie de “ascensão social” no seio da família: de “quase escrava”, galga o degrau de “serviçal que impõe respeito”. Porém, não apenas circunscrita ao domínio da concórdia, a cordialidade é violenta em razão mesmo de seu caráter íntimo e familiar, como bem demonstra a reação dos irmãos de Hakim. A ética de fundo emotivo prevalece em ambos os momentos nos fragmentos acima do *Relato*. E triunfa no último, o odioso: a índia Anastácia “retorna a seu lugar” na estrutura da família. Uma outra tensão (dentre as já observadas geradas pela cordialidade) reside aí: ela não perde seu *status* de íntima de Emilie, embora não goze mais do “privilégio” de comer à mesa com toda a família. Não gratuitamente, à página 98 da obra, confessará Hakim: “Passamos a conviver com a lavadeira de uma maneira meio indefinida, amorfa; longe da mesa ela se revelava menos intrusa, menos íntima”.

Considerações finais

Ao longo deste artigo defendemos que a cordialidade, isto é, as relações afetivas, é a lógica que rege o contato entre o núcleo familiar libanês do *Relato* e o conjunto de personagens que giram ao seu redor. Vimos ainda que a cordialidade no romance é marcada por um certo paradoxo entre aproximação e afastamento, entre incorporação ao centro da vida doméstica e sua repulsa violenta, enfatizando que, dos seus polos constituintes, ora este, ora aquele era dominante. Para sermos mais precisos, no caso da narradora-personagem e de seu irmão, a face da cordialidade que prevalecia era a da integração, o que, paradoxalmente, criou as condições necessárias para a ruptura posterior; no caso da índia Anastácia, o que sobressaía, ao fim e ao cabo, era a face agressiva da relação cordial. O paradoxo agora é que, ao invés de servir como incentivo para a quebra dos laços de dominação, a violência acaba por perpetuá-los e legá-los às gerações futuras, como é o caso da filha de Anastácia, ao mesmo tempo empregada e apadrinhada pela família.

Na esteira destes dois apadrinhamentos, a pergunta que não se aquieta é se teriam sido a irmã-narradora e seu irmão também adotados por Emilie junto à LBA para servirem à família, mas que, com o tempo, ou por alguma razão, foram tomados mais do que como prediletos e protegidos: como filhos.

É possível apenas conjecturar que a adoção dos irmãos missivistas pela família-núcleo da obra poderia ter sido feita nestas condições. Porém, nada de concreto acerca deste fato é revelado aos leitores. Não é possível sabê-lo realmente. Este é certamente um dos segredos que o *Relato* guarda. Reside aí um dos prazeres estéticos proporcionados pela obra: uma certa insatisfação calcada na imprecisão de algumas informações. Nesse aspecto, o que se pode realmente apreender da obra é que se é do grandioso que se nutre a saga, de um núcleo familiar fortemente consanguíneo, é do pequeno e aparentemente insignificante, do confidenciado e do não dito, do não grandioso, e de uma percepção cordial de família de que se nutre o *Relato*.

Referências

CARNEIRO, Flávio. Das vanguardas ao pós-utópico: ficção brasileira no século XX. In: _____. (Org.). *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FARINACCIO, Pachoal. *A questão da representação e o romance brasileiro contemporâneo*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro. Brasil nenhum existe. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 jan. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0901200010.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

_____. O exílio como eixo: bem-sucedidos e desterrados ou Por uma edição crítica de Raízes do Brasil. In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 245-275.

SANTIAGO, Silviano. Autor novo, novo autor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1989. Caderno de Ideias, p. 4.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

Recebido em 28 de maio de 2013.

Aceito em 21 de junho de 2013.

RENATO CABRAL REZENDE

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: renato.rcr@gmail.com.

RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA

Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e bolsista Fapesp. E-mail: drigocerqueira@gmail.com.